



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

LUAN DE SOUSA BALBINO

AMOR E DESEJO EM PSICANÁLISE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

**CAMPINA GRANDE
2024**

LUAN DE SOUSA BALBINO

AMOR E DESEJO EM PSICANÁLISE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Andrade Costa Filho.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B172a Balbino, Luan de Sousa.

Amor e desejo em psicanálise [manuscrito] : uma revisão integrativa / Luan de Sousa Balbino. - 2024.
22 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Jose Andrade Costa Filho, Departamento de Psicologia - CCBS".

1. Amor e desejo. 2. Emoção. 3. Psicanálise. 4. Teoria psicanalítica. I. Título

21. ed. CDD 152.41

LUAN DE SOUSA BALBINO

AMOR E DESEJO EM PSICANÁLISE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA LOVE AND
DESIRE IN PSYCHOANALYSIS: AN INTEGRATIVE REVIEW

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Psicólogo

Aprovada em: 22/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Leonardo Farias de Arruda** (**.757.274-**), em **30/11/2024 15:44:47** com chave **2c4b90fc4b11efadc106adb0a3afce**.
- **Thiago Silva Fernandes** (**.645.894-**), em **30/11/2024 15:44:06** com chave **141ba59eaf4b11ef8dbb2618257239a1**.
- **Jose Andrade Costa Filho** (**.311.164-**), em **30/11/2024 15:11:30** com chave **85de191eaf4611efbee02618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 30/11/2024

Código de Autenticação: 4df02e



Aos universitários de baixa renda que, assim como eu, foram em busca do seu desejo e não desistiram, DEDICO.

“Se um dia eu te encontrar
Do jeito que sonhei
Quem sabe ser seu par perfeito
E te amar do jeito que eu imaginei”
(Aliança - Tribalistas)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1	Notas sobre o amor na perspectiva psicanalítica.....	9
2.2	Articulações sobre o desejo em psicanálise.....	11
3	METODOLOGIA.....	12
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
4.1	Psicanálise, uma cura pelo amor.....	16
4.2	Outros possíveis enlaces.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20
	AGRADECIMENTOS.....	21

AMOR E DESEJO EM PSICANÁLISE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

LOVE AND DESIRE IN PSYCHOANALYSIS: AN INTEGRATIVE REVIEW

Luan de Sousa Balbino¹
José Andrade Costa Filho²

RESUMO

A perspectiva psicanalítica compreende que o sujeito irá se lançar em busca de algo, que ele elege como objeto, na tentativa de regressar à fantasia primordial: a ideia de completude. Desse modo, surge o desejo, assim como o amor, ambos efeitos da falta, se aproximando e se separando, como em uma dança, na medida em que a fantasia sustenta a melodia com esse Outro objeto que é (*a*) causa de desejo. Ainda se tratando da teoria psicanalítica, a própria noção de castração, iniciada com Sigmund Freud e trabalhado com Jacques Lacan, evidencia a impossibilidade de saber tudo, de falar sobre tudo, porque existe uma verdade que está inacessível ao próprio sujeito, sendo essa uma marca característica de sua cisão. Sob esse viés, este trabalho tem o objetivo de investigar quais produções foram feitas sobre o amor e a sua articulação com o desejo, traçando algumas nuances a partir de um recorte específico, porque falar toda a verdade é impossível. Nesse sentido, foi realizada uma Revisão Integrativa de Literatura, tendo como ponto de partida a revista *Stylus*, de orientação freud-lacaniana, nos anos de 2014 a 2024. Para isso, a coleta de dados foi efetivada por meio dos descritores “amor” e “desejo”, obtendo um montante de 15 (quinze) artigos na listagem da base de dados escolhida, entretanto 1 (um) dos escritos não estava acessível, então utilizou-se os 14 materiais disponíveis no formato on-line. Dessa maneira, foi realizada uma leitura integral dos textos e uma análise crítica a partir dos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, chegando-se a um total de 11 artigos incluídos na pesquisa. Para efetivação da análise, os resultados foram agrupados em duas categorias conforme os objetivos e resultados principais encontrados, sendo: 1) Psicanálise, uma cura pelo amor; e 2) Outros possíveis enlaces. No que diz respeito aos eixos temáticos, estes se deram considerando que alguns destacavam mais os aspectos da clínica e da direção do tratamento (amor de transferência e desejo do analista) enquanto outros davam mais destaque a aspectos teóricos e também analisando a pergunta orientadora na arte (livros de literatura). A partir da elaboração deste trabalho se espera complementar e ampliar a discussão da temática, pautada em uma lógica não-toda, uma vez que o tema trabalhado opera de um lugar que não cessa de se escrever.

Palavras-Chave: amor; desejo; psicanálise; revisão integrativa.

ABSTRACT

The psychoanalytic perspective understands that the subject will set out in search of something, which he chooses as an object, in an attempt to return to the primordial fantasy: the idea of completeness. In this way, desire arises, as does love, both effects of lack, coming together and separating, as in a dance, as the fantasy sustains the melody with this Other

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: luandesousabalbino@gmail.com;

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: joacofi@uol.com.br.

object that is (the) cause of desire. Still on the subject of psychoanalytic theory, the very notion of castration, initiated by Sigmund Freud and worked on by Jacques Lacan, highlights the impossibility of knowing everything, of talking about everything, because there is a truth that is inaccessible to the subject himself, and this is a characteristic mark of his split. From this perspective, this work aims to investigate what productions have been made about love and its articulation with desire, outlining some nuances from a specific perspective, because telling the whole truth is impossible. In this sense, an Integrative Literature Review was carried out, taking as a starting point the journal *Stylus*, of Freudian-Lacanian orientation, from 2014 to 2024. For this, data collection was carried out through the descriptors “love” and “desire”, obtaining a total of 15 (fifteen) articles in the list of the chosen database. However, 1 (one) of the writings was not accessible, so the 14 materials available in the online format were used. In this way, a full reading of the texts and a critical analysis were carried out based on the pre-established inclusion and exclusion criteria, reaching a total of 11 articles included in the research. To carry out the analysis, the results were grouped into two categories according to the objectives and main results found, being: 1) Psychoanalysis, a cure through love; and 2) Other possible links. Regarding the thematic axes, these were developed considering that some emphasized more the clinical aspects and the direction of the treatment (transference love and the analyst's desire) while others gave more emphasis to theoretical aspects and also analyzed the guiding question in art (literature books). From the elaboration of this work, it is expected to complement and expand the discussion of the theme, based on a non-whole logic, since the theme worked on operates from a place that never ceases to be written.

Keywords: love; desire; psychoanalysis; integrative review.

1 INTRODUÇÃO

Desde sempre a tradição filosófica registra o interesse do humano por questões que lhe são próprias ou metafísicas, sobretudo no campo afetivo, sendo o amor uma das emoções que mais suscita curiosidades (FERREIRA, 2004). Desse modo, discursos são produzidos sobre o amor desde a antiguidade até os dias atuais, seja com a família e os amigos (*Philia*), com os parceiros amorosos (*Eros*), com a espiritualidade (*Ágape*), na esfera individual ou social, e nas mais diversas possibilidades de experimentar essa emoção ao longo da história.

Dentre as diversas tentativas de investigar o tema supracitado e as suas veredas, também se destacam os artistas em suas infinitas formas de expressão, sobretudo na literatura, que nunca esgotaram as suas liras ao provocar a reflexão sobre “o que é o amor?”. Além disso, em relação ao campo dos saberes *psi*, se destaca a Psicanálise como uma das mais importantes teorias que dirigiram a atenção para essa temática e os seus possíveis desdobramentos, desde a vida do sujeito e a sua relação com o Outro que também é social/civilizatório.

Nessa perspectiva, a teoria escolhida começa a surgir no final do século XIX com as pesquisas de Sigmund Freud e Josef Breuer acerca da histeria, e se desenvolve no século XX como “Psicanálise” propriamente dita, após a publicação do texto “A interpretação dos sonhos” (1900/2013). Ainda que sofrendo duras críticas até a atualidade - principalmente devido ao teor dos seus conceitos, que colocam em pauta, por exemplo, a interligação dos conflitos psíquicos com a sexualidade humana - essa vertente torna-se um dos mais famosos campos clínicos de investigação da mente, e, mais especificamente, do cenário inconsciente (BREVIGLIERI, 2018).

Conforme dito anteriormente, os estudos iniciados com Freud foram se espalhando pelo mundo, encontrando aliados e inimigos ao longo do tempo. Sendo assim, a respeito dos

autores pós-freudianos, diversos deles continuam suas produções estando alinhados ou não entre si e entre o próprio criador, utilizando-se do “inconsciente” que além de objeto de estudo tornou-se também um objeto institucional (BRITO, 2022). Sobre isso, os principais motivos que ocasionaram a dispersão da vertente em “escolas psicanalíticas”, surgiram principalmente após a morte de Sigmund Freud. Seguindo esse raciocínio, Mezan (2014) corrobora com a discussão elencando os principais elementos que ocasionaram a separação da psicanálise em várias escolas, intitulando-os de “tríplice diáspora”, sendo: a geografia, a doutrina e a instituição (MEZAN, 2014).

Sob a finalidade de exemplificar a existência de variadas noções, um conceito chamado “sobredeterminação” resgatado também do psicanalista Renato Mezan (*Idem*, 2014) será aqui utilizado. Esse ideal não considera uma “escola” melhor que a outra, apenas a apresenta com pontos de concordância e discordância – elementos com múltiplos significados que detêm correspondência lógica se observados com cautela, podendo recortar umas às outras sem se alterar. A partir do exposto, este texto irá se propor a estudar e utilizar as noções de amor e desejo elucidadas por Sigmund Freud e Jacques Lacan.

No que tange ao amor e ao desejo, esses dois temas surgem desde o início da teoria psicanalítica, com algumas nuances que os separam e os unem, podendo até mesmo assumir outros vieses a partir de conceitos do próprio campo teórico, sendo assim trabalhados de forma particular e também de modo transversal (KUSS, 2014).

Observa-se que uma das primeiras vezes que amor e desejo aparecem na prática clínica foi descrita por Freud já com as históricas, destacando o caso Anna O., assim iniciando a percepção do “pai da psicanálise” sobre o seu esboço a respeito da transferência, um dos conceitos fundamentais da teoria (FERREIRA, 2004). Nesse caso, Anna O. uma paciente de Breuer começa a demonstrar afetos pela figura de seu analista, Freud então assume os atendimentos e não recua mediante o que é trazido (jamais se confundindo com os investimentos da paciente) e desse modo observa que isso tudo se tratava de um sinal para a direção do tratamento, trazendo consigo a possibilidade de captar as formações do inconsciente, mas também não aliviava o fato desse tipo de amor estar envolto da resistência.

Paralelo a isso, Freud investigou a relação dos complexos inconscientes de seus pacientes e descobriu aspectos da sexualidade humana e sua inerente relação com os sintomas relatados pelas mulheres históricas. Aliado a isso, estudou a relação do complexo de Édipo como uma história de amor e desejo que foram interrompidos a partir de uma descoberta: a proibição do incesto. Ademais, esse autor foi um dos primeiros a observar que a sexualidade infantil existe - contrariando o pensamento de sua época -, e a denota como perversa e polimorfa (FREUD, 1905/2016), isso nos indica que o sujeito além de tomar o outro como um objeto, tem o corpo inteiro mapeado de zonas erógenas que garantem satisfação (ainda que parcial).

Ainda nesse sentido, ressalta a característica fundamental do sujeito em busca do objeto perdido, a característica fundamental do amor que, desde Freud, é retratada como uma das formas do sujeito se haver com a questão de sua condição de desamparo. Em Freud, o amor é narcísico e sempre recíproco, uma vez que se observado de modo “estruturalista”, ele é um aprendizado, se situando por volta do segundo estágio de desenvolvimento libidinal intitulado de narcisismo primário (FERREIRA, 2004). O amor é sempre recíproco porque há um enlace do sujeito em amar e ser amado, o que convoca dele uma posição de amante e de objeto nessa relação.

Para além dessa observação, Freud situa o desejo inconsciente, nomeando-o de libido, e diz que ele está sempre se direcionando aos objetos restituindo algo de si que foi para sempre perdido (*das ding*). A escolha de objeto é tomada de forma inconsciente e é realizada desde a infância pelo sujeito, podendo ser de maneira narcísica ou analítica (FREUD, 1914/2016). Além disso, ela é a forma que o sujeito experienciou a sua passagem pelo

complexo de Édipo e se situou, demandando e renunciando suas pulsões imediatas a partir de sua posição singular.

Desse modo, a observação psicanalítica nos mostra que o sujeito, ao se situar na dinâmica do desejo, irá eternamente se lançar em busca de algo, que ele elege como objeto, na tentativa de regressar à fantasia primordial: a ideia de completude (KUSS, 2014). Assim, para amar e para desejar é necessário que haja o reconhecimento de que existe uma falta, uma vez que é a partir dela que nasce o amor e o desejo.

Aliado a isso, elencando a releitura de Lacan sobre o amor, esse autor indica que esse afeto está endereçado inteiramente às paixões do ser (amor, ódio e ignorância), sendo assim, ele tem o recurso simbólico e imaginário de fazer do Dois, Um, como uma tentativa de tapear a relação sexual - que não existe (LACAN, 1973 *apud*. CARVALHO, 2022). Já o desejo é sexual, e desliza de forma metonímica de objeto em objeto. Apontando, assim, na questão da função do desejo no amor, pois, na medida em que o desejo intervém no amor, o desejo nunca aponta para um único objeto, pois nem ele próprio sabe o que procura, apenas o supõe alucinado pelo *agalma* que no Outro é avistado.

Conforme o entendimento de Ferreira (2004), “[...] enquanto Freud se dedicou mais ao amor com a função de idealização, Lacan irá se interessar pelo amor com a função de sublimação” (*Idem*, 2004, p.38). Nessa perspectiva, a vertente escolhida como um dos possíveis desdobramentos para a temática, entende que amor e desejo são temas que não cessam de se escrever, uma vez que se situam em um lugar de outra ordem, que é estruturado como uma linguagem e que deseja, demanda e goza com o Outro objeto eleito como (*a*) causa de desejo. Haja vista que a civilização é o local onde o indivíduo aprende a renunciar às suas pulsões imediatas a fim da demanda de satisfação prolongada que advém do Outro (QUINET, 2000; NASCIMENTO, 2010).

Sob esse viés, este trabalho se propõe a estudar o amor e a sua relação com o desejo, na perspectiva psicanalítica, tomando como recorte os autores que versam sobre Sigmund Freud e Jacques Lacan. Para isso, se utilizará como ponto de partida uma revista freud-lacaniana, denominada *Stylus*, e pode-se dizer que a referida é vinculada à Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL - Brasil). Da mesma forma que Lacan nos ensina em “Televisão” (1972-1973/2003, p. 509): “Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras”, a produção que aqui está sendo elaborada não se objetiva a escrever toda a verdade sobre o tema elucidado porque isso é impossível. Dessa maneira, para elaboração das discussões será realizada uma Revisão Integrativa de Literatura, na revista citada, nos anos de 2014 a 2024. Por se tratar de um tema que não cessa de se inscrever, amor e desejo circulam todo o corpo do sujeito, o convocando a vida e a morte, fazendo-o querer mais, ainda!

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Notas sobre o amor na perspectiva psicanalítica

A teoria psicanalítica conceitua o amor enquanto uma experiência subjetiva vivenciada por cada sujeito em sua relação com o Outro, sendo assim aprendida (o oposto de inata) ao longo de seu desenvolvimento, sobretudo nos primeiros anos de vida. De modo que o amor, para Freud, teria uma relação intrínseca com o empenho de reestruturação narcísica do indivíduo; não obstante, Lacan entende o amor como uma suplência para a relação sexual, a partir da tentativa de transmissão entre os dois lados da sexuação; em ambos os casos, esse tema está intimamente ligado a fantasia de completude, onde o sujeito se lança em busca daquela coisa (*das ding* - objeto *a*) na tentativa de encontrar o objeto mítico que acreditou um dia possuir: a sua parte que falta (FERREIRA, 2004).

Dessa maneira, o amor seria uma tentativa de obturar a falta que inscreveu ele próprio e também o desejo, fazendo-o desaparecer, ou melhor dizendo “[...] o amor seria uma das possibilidades de transformação do desejo em demanda, possibilitando, assim, a metaforização do desejo” (KUSS, 2014, p. 15). Com base nisso, poderíamos entender o amor como metafórico e o desejo como metonímico, já diferenciando a definição desses dois em primeiro plano. Ademais, amar não é a todo instante sofrível, mas necessariamente é trabalhoso.

Concomitante, a psicanálise entende que a escolha do parceiro está intimamente relacionada à fantasia, e isso diz muito sobre a sua própria história. Nesse sentido, Freud (1914) discorre sobre a escolha de objeto no livro “Narcisismo: uma introdução”, o elencando também com o amor. A partir do deslocamento da energia libidinal, o sujeito se posiciona de forma narcísica ou anaclítica frente aos objetos que garantem satisfação - sendo também essas duas possibilidades de escolhas fortemente observadas pelos psicanalistas contemporâneos como pontos nodais da posição feminina e masculina, no campo amoroso.

Conceber o amor como narcísico implica estabelecer que há uma busca do sujeito por algo que ele acredita ter perdido, conforme mencionado antes, e que seria reencontrado nos sucessivos substitutos eleitos como aquele que poderia completá-lo. Dessa forma, ele também é sempre recíproco porque demanda o amor também; não basta amar e desejar, o neurótico quer ser o objeto de desejo da outra pessoa.

No entanto, afirmar que o amor é narcísico, não significa que apenas ama-se a si próprio espelhado no objeto, pelo contrário: existe uma condição de dependência original observada no estado de autoerotismo, bem como no narcisismo primário, ocasionado pela situação de desamparo inerente ao homem (MILLER, 2010). Dessa forma, encontramos na obra freudiana os possíveis desdobramentos: o amor como uma renúncia pulsional feita pelo sujeito em busca do que advém do Outro, bem como vemos o amor na sua relação anaclítica, posição adotada pelo indivíduo que oferece algo de si ao objeto.

Desse modo, Ferreira (2004) atribue a discussão da relação inaugural entre amor, auto-erotismo e narcisismo primário, tendo antes de sua origem um importante fator que, uma vez estabelecido, funda uma antítese no próprio sujeito. Nessa perspectiva, Freud observou as nuances do amor e do ódio, destrinchadas no texto “As pulsões e seus destinos” (1915), para ele “o ódio, como relação com um objeto, é mais antigo que o amor; ele brota do repúdio primordial do Eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos” (FREUD, 1915/2014, p. 48). Nesse sentido, chamou de “reversão em seu oposto” a possibilidade de ambivalência entre amor e ódio sob um objeto. Essas duas possibilidades de direcionar energia libidinal para o objeto indica que é perfeitamente possível nutrir sentimentos “positivos” e “negativos” sob a mesma pessoa.

No mesmo texto, Freud (1915/2014) acrescenta que as três polaridades que regem a vida anímica também são observadas no campo amoroso (sujeito-objeto; prazer-desprazer; atividade-passividade). Todas as proposições freudianas expostas são aproveitadas por Jacques Lacan em todo o seu ensino, partindo desde os seus escritos até mesmo nos seus seminários.

Em Lacan se encontra o amor como suplência para a relação sexual (que não existe), tomando como recorte o seminário *Encore* (1972-1973/1985). Ainda, o *objeto a* quando observado na tábua da sexuação, extraída de outros ensinamentos, encontra-se do lado feminino (da falta). Por isso, quem se situa do lado fálico (homem) se dirige ao lado feminino tomando a mulher como um objeto fetiche - já observado por Freud em “Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens” (1910/2020) - e ainda assim, as mulheres poderiam fazer o oposto, se direcionando ao lado fálico como objeto e sujeitos desejantes. Então, o amor poderia oferecer um vislumbre do “lado homem” e do “lado mulher” da sexuação, que não implica em órgãos genitais, mas sim em posições subjetivas e inconsciente.

Além disso, Lacan observa que o amor está endereçado às paixões do ser (amor, ódio e ignorância), sendo assim, ele (o amor) tem o simbólico e o imaginário como recursos para fazer amarrações, na tentativa de fazer o Um alcançar o Dois da relação ou fazer uma unificação dos Dois em Um. Para ambos os casos, o amor se apresenta como uma tentativa que nunca atingirá o sucesso almejado, assim sobra apenas tapear a relação sexual, visto que não há uma relação palpável entre os dois lados do sexo, uma vez que não existe uma equivalência entre os sexos e entre o gozo (MURTA, 2006). Por isso a relação só se realiza na fantasia, que sustenta a relação do sujeito com o objeto. Não obstante, também só é possível gozar elegendo partes, não é possível gozar com o corpo todo.

De acordo com as informações supracitadas, o sujeito então procura no outro nada mais do que o seu próprio objeto *a*, na tentativa de intregar o seu ser. Sob esse viés, o desejo desliza de forma metonímica de objeto em objeto, sendo quase sempre sexual, enquanto o amor, não; o amor é metafórico e se dirige ao ser do Outro. Isto posto, essa suplência aponta para o novo, impulsionando o sujeito para se inscrever na vida, num caminhar esperançoso à procura de sua integralidade, mesmo não sendo possível eliminar a falta, pois ela é condição do humano enquanto falante e desejanse.

2.2 Articulações sobre o desejo em psicanálise

No tocante à inauguração do desejo, este se funda a partir de uma falta, como conceitua Quinet (2000), o objeto de completude na verdade nunca existiu, ele é uma criação imaginária do sujeito que se endereça ao Outro na tentativa de restaurar a integralidade que um dia acreditou possuir. Além disso, Freud já concebia o inconsciente como o lugar que tem Leis e abriga desejos sobre que nem o próprio sujeito quer saber (*Idem*, 2000).

Nesse sentido, a busca desenfreada por algo que o dê substância, faz com que o sujeito esteja sempre insatisfeito porque ele nunca encontrará aquele objeto perdido, já que ele não existe. Inclusive é possível pensar nessa experiência como civilizadora, se estamos sempre recorrendo ao Outro para auxiliar em nosso desamparo.

Esse Outro é externo ao sujeito, tendo participação quando este ainda era infantil. Nesse sentido, a primeira relação do sujeito com o Outro é justamente a que o bebê estabelece com aquele/a que vem a cumprir a função materna. Dessa forma, é possível perceber que a criança está submetida aos cuidados desse Outro, numa relação que é de total dependência porque não consegue ainda cuidar de si própria; assim, o Outro materno cumpre a função de inserir o sujeito na dinâmica simbólica (e na lógica da falta de forma inerente). Essa inscrição se dá a partir da linguagem, esse Outro nutre o bebê de alimento, de afeto e, principalmente, de palavras (BRUDER; BAUER, 2007).

No tocante a sua introdução no mundo simbólico, o primeiro recurso que a criança utiliza ao nascer é o grito. Este artifício é acolhido pelo Outro como uma demanda, que é interpretado com uma resposta, do tipo “ele tem fome... tem sede.... tem frio”. Igualmente, a partir do reconhecimento dessa demanda o Outro acaba inserindo esse sujeito no mundo simbólico, ao acolher e aliviar o incômodo do bebê que demanda sem nem saber o que está causando o seu mal estar (NASCIMENTO, 2010). Desse modo, são feitas inscrições de pura intensidade no corpo do sujeito desde o seu nascimento, causando dor e prazer, vida e morte, palavras que causam bordas em seu corpo. Aliado a isso, percebe-se uma relação de alienação do sujeito no campo simbólico, embora nenhum discurso seja capaz de totalizá-lo.

Nesse sentido, a própria noção de corpo em psicanálise, desde Freud, situa-o além dos aspectos biológicos, o concebendo como corpo pulsional e erotizado (MACEDO, 2021). O corpo do sujeito é cheio de zonas erógenas que proporcionam experimentações que dão notícias sobre o seu ser, desde os primeiros momentos de sua vida. Outrossim, amor e desejo são intrínsecos a sua estrutura uma vez desejanse, condição de sua dinâmica com o Outro. Não

obstante, dizer que o objeto de completude não existe não significa que não possa buscá-lo nos sucessivos objetos que garantam a satisfação parcial.

Seguindo esse viés, Freud aponta que a pulsão, por sua vez, não opera como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma constante que impulsiona o indivíduo para a vida e para a morte. Fazendo fronteira entre o anímico e o sintomático, possui como características: a) pressão: força que a pulsão desempenha para buscar a realização dos seus desejos; b) meta: Será sempre a satisfação, ativa ou passiva; c) objeto: o meio pelo qual a pulsão alcança sua meta, sendo este artifício o que mais pode variar; d) fonte: a zona erógena. (FREUD, 1915/2014). Ademais, a pulsão é pura vontade de gozo, enquanto o desejo possui em si um rechaço, para permanecer sempre insatisfeito (MILLER, 2010). Isso indica que o ser humano é desnaturalizado, uma vez posta o desconhecimento sobre o que fazer com o seu corpo e os seus impulsos, ao contrário dos animais que possuem o instinto para se orientar.

A realidade do inconsciente é sexual e ela é inserida pelo registro no campo simbólico. Nesse sentido, só podemos pensar o sexual e também o feminino e o masculino como recursos inscritos na linguagem e essas proposições são tão fundamentais no sujeito quanto o amor (FERREIRA, 2004). Lacan, influenciado por Hegel, extrai dessas obras a sua noção de desejo e coloca a repetição como efeito do real traumático, sendo uma das principais relações com o desejo e um dos conceitos principais em psicanálise (KUSS, 2014). A repetição tenta escrever o real. Não haveria motivos de buscar no Outro se o indivíduo se achasse completo.

Isto posto, a inadequação permanente do objeto, além de ser um dos fatores que diferenciam o homem de outros animais, também o garante uma distância elementar entre o sujeito e aquilo que ele procura, fazendo-o procurar sempre mais, uma vez que a satisfação só consegue ser atingida de forma parcial (ALVES; ALMEIDA, 2017). Nessa perspectiva, o sujeito irá orientar-se, enquanto houver vida, a partir da parte que falta, uma vez que é necessário a falta para impulsionar o desejo.

Assim, ao contrário do amor que se concentra no ser do sujeito, o desejo é sexual e não faz nada mais que se deslocar de forma metonímica, apontando seu interesse no Outro capturado como um objeto de satisfação, sendo assim instável por deslizar e insatisfeito por definição. Diante disso, amor e desejo não fazem a relação existir, mas permitem amarrações que sustentam o sujeito ao longo da vida.

3 METODOLOGIA

O presente estudo se propõe a seguir um caráter bibliográfico, qualitativo-descritivo, a partir de uma abordagem metodológica de revisão integrativa de literatura, que engloba a revisão de estudos experimentais e não experimentais, com a finalidade de sintetizar os resultados já publicados em revistas e periódicos, sobre um determinado tema (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Desse modo, a pesquisa foi realizada em seis etapas, sendo: 1) formulação da pergunta orientadora; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) extração de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados; e 6) apresentação da revisão integrativa de literatura.

Dessa forma, com base nos objetivos gerais e específicos estabelecidos para a pesquisa, a seguinte pergunta orientadora foi elaborada: "Quais produções foram feitas sobre o amor e a sua articulação com o desejo, tomando como ponto de partida uma revista de psicanálise freud-lacanianiana?". Por causa da impossibilidade de capturar tudo, uma vez que algo sempre escapa, se mostrando inacessível, e que sempre irá faltar alguma coisa, esse trabalho visa sintetizar uma parcela do que se mostra possível sobre o tema proposto a partir de uma base de dados escolhida e exposta a seguir.

Nesse sentido, optou-se pela revista *Stylus*, sendo ela um periódico com publicações semestrais pertencente à Escola De Psicanálise Dos Fóruns Do Campo Lacaniano (EPFCL -

Brasil). Ainda sobre a base de dados escolhida, a *Stylus* está em circulação desde 2000 e publica artigos inéditos das comunidades brasileiras e internacionais do Campo Lacaniano. Assim, foram estabelecidos critérios de busca, que consistiram na utilização das palavras-chave “Amor” e “Desejo”, obedecendo um recorte temporal entre 2014 e 2024 -, utilizando as ferramentas de busca e filtragem disponíveis na própria plataforma da revista. Além disso, para efetivação da terceira etapa da pesquisa, foram apresentados na sessão de busca um total de 15 artigos, entretanto 14 estavam disponíveis e apenas 1 artigo indisponível (versão on-line), ambos relacionados aos termos de busca supracitados.

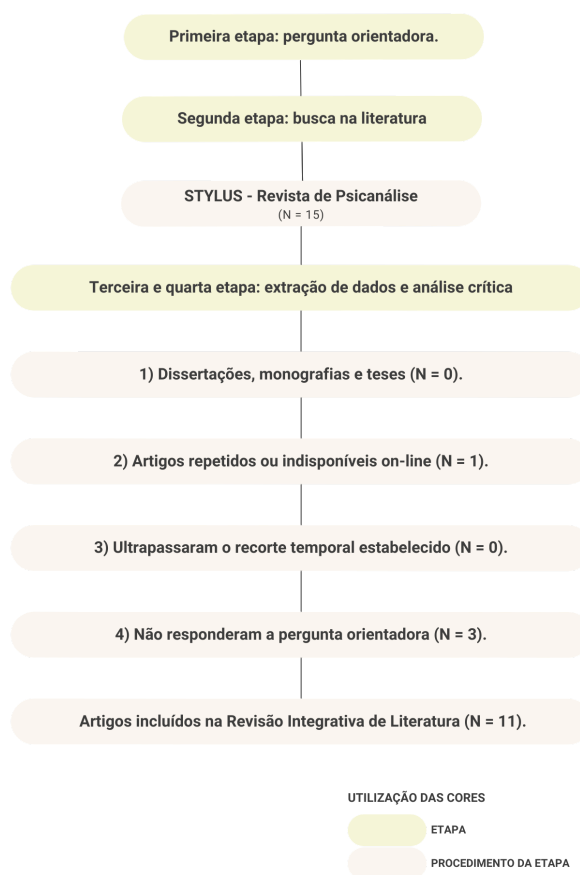
Por conseguinte, a análise crítica dos estudos - quarta etapa - se deu a partir da leitura integral dos 14 artigos disponíveis, os quais passaram por uma análise de inclusão ou exclusão seguindo os critérios estabelecidos pelo pesquisador. Assim, incluíram-se os artigos que configuraram-se como: 1) estudos disponíveis com textos completos, no formato on-line; 2) investiguem especificamente a relação entre os objetos de pesquisa (sendo o amor e sua relação com o desejo); 3) terem sido publicados entre o período de 2014 a 2024; 4) estar no idioma português. Em contrapartida, os critérios de exclusão estabelecidos foram: 1) dissertações, monografias e teses; 2) artigos repetidos ou indisponíveis de forma on-line; 3) estar fora do período estabelecido; 4) não responder a pergunta orientadora da pesquisa.

Nessa perspectiva, foi possível estabelecer uma discussão dos resultados obtidos a partir dos trabalhos estudados, apresentada na seguinte sessão. Além disso, a apresentação da revisão integrativa se deu por meio da estruturação de um fluxograma (figura 1) e um quadro (quadro 1) para melhor visualização dos artigos incluídos e excluídos, com a caracterização dos artigos recuperados em termos de títulos, autores, ano de publicação, objetivos do estudo e principais resultados, bem como as discussões e intersecções realizadas nas discussões distribuídas em duas categorias temáticas, sendo: 1) Psicanálise, uma cura pelo amor; e 2) Outros possíveis enlaces. Igualmente, as categorias foram formadas no decorrer da análise crítica do material analisado e agrupadas conforme exemplificado no tópico a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do método proposto, foram encontrados 15 artigos na base de dados escolhida, utilizando os descritores “Amor” e “Desejo”, entre os anos de 2014 a 2024. No entanto, dos 15 listados havia 1 que não se encontrava disponível em formato on-line. Sendo assim, dos 14 materiais coletados foi realizada uma leitura integral buscando identificar os critérios de inclusão e exclusão. Ao final, consideraram-se 11 artigos incluídos dentro da revisão integrativa proposta. Conforme exibido no fluxograma abaixo, é possível observar o percurso metodológico que levou aos resultados e discussões do trabalho.

Figura 1. Fluxograma das quatro primeiras etapas da revisão integrativa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Seguindo esse modelo, foi possível notar uma relação temporal com os trabalhos incluídos na construção da revisão integrativa. Assim, no que diz respeito ao seu tempo de publicação, foi estabelecida a seguinte frequência relativa: 6 eram do ano de 2022 (55%), 4 eram de 2014 (36%) e 1 era de 2015 (9%). Aliado a isso, os artigos estavam distribuídos nos seguintes volumes: “As paixões do ser: amor, ódio, ignorância” (nº 45, 2022), “Corpo, substância gozante e topologia” (nº 43, 2022), “Laços” (nº 31, 2015), “A causa do desejo e suas errâncias II” (nº 29, 2014) e “A causa do desejo e suas errâncias I” (nº 28, 2014).

Além disso, todos os artigos estavam disponíveis em língua portuguesa e foram escritos por psicanalistas brasileiros, apesar da revista *Stylus* aceitar também submissões em inglês, espanhol e francês. No quadro abaixo será exibido os estudos incluídos na pesquisa, que foram organizados, a partir dos dados coletados, em título, autor, ano de publicação, objetivo e principais resultados.

Quadro 1. Caracterização dos artigos analisados.

TÍTULO	AUTORES (ANO)	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
1. O amor e suas veredas.	CARVALHO, M. C. D. (2022).	Discutir o amor e suas nuances, bem como as “paixões do ser”, utilizando-se da psicanálise e da obra “Grande Sertão: Veredas” do	Não se pode falar no amor, mas apenas sobre ele. Ademais, a autora ressalta as paixões do ser, tema laciano, os colocando nos seguintes amarrações: O amor entre o simbólico e o imaginário, o ódio entre o imaginário e o real, e a ignorância entre o real e o simbólico. Ainda, o amor

		escritor Guimarães Rosa.	demanda para além do que ele mesmo pede.
2. Dimensão ética e estética do desejo do analista.	PEDROSA, J. N. C. (2022).	Elaborar a questão da prática clínica psicanalítica e seus efeitos, lançando reflexões sobre a ética do desejo e a “cura”.	O amor se separa do desejo da mesma forma que a verdade se separa do saber. desejo do analista é um desejo pelo saber, e ele faz o analisando se haver com as suas próprias questões através dos questionamentos e outras técnicas da análise, jamais ocupando o lugar do mestre, sua função é de suposto-saber. O motor da análise se dá pelo amor de transferência. A “cura” estaria em uma produção de verdade pelo sujeito (analisando) através de sua retificação de discurso.
3. Querer ser já não é, e aquilo que resta é você.	CAIADO, J. (2022).	Levantar alguns pontos sobre o amor, destacando a neurose, a partir de Freud e Lacan com as três paixões do ser (amor, ódio e ignorância).	O amor está no campo do ser do sujeito, se utilizando da passagem de Roudinesco (lacaniana) amor e desejo surgem por causa da falta. O desejo, assim como o amor, estão implicados na busca de um objeto que o sujeito não possui, por isso o <i>objeto a</i> é a causa de desejo, e não a sua completude final. Além disso, no amor não se visa mais a fazer Um com o outro, mas dois sujeitos faltantes (amor como dom ativo).
4. A uberização do psicanalista e os perigos para a Psicanálise e a Escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância.	PACHECO FILHO, R. A. (2022).	Problematizar o trabalho do psicanalista, sobretudo no mundo capitalista, no que tange às tentativas de regularização, as ofertas de trabalho precarizadas e das clínicas privadas.	Aborda a formação <i>sui generis</i> em psicanálise e discorre sobre o desejo do analista ser produto de uma análise, não se limitando a formação acadêmica. Ainda, levanta uma diferenciação entre o discurso do analista e o seu oposto: o discurso do capitalista; destacando que o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (com mais de 60 instituições associadas) é contrário à graduação (bacharelado) em psicanálise.
5. Qual o preço do amparo? Da alienação violenta no amor à mortificação da não-escuta.	ARAUJO, C. M. V. (2022).	Relatar a experiência e algumas possibilidades de uma psicanalista em um serviço socioassistencial voltado para mulheres vítimas de violência.	Discorre sobre a dificuldade encontrada na atuação do psicanalista em um setor público, lugar onde adota um tratamento “universal” e acaba por excluir o sujeito que traz um traço singular (deseja, demanda e goza). Além disso, encontrou que as mulheres, muitas vezes, são tomadas como objeto do homem (no amor e no desejo) e quando não respondiam a essa fantasia masculina, acabavam por serem vítimas da agressividade despertada pelo real de sua existência (ser humano e não serem objetos).
6. Notas sobre o desejo do psicanalista.	BALLAO, C. (2022).	Abordar, a partir dos seminários de Lacan, as seguintes questões: o desejo do analista, tangenciando esse conceito ao amor de transferência e da posição de Sócrates diante da declaração de amor de Alcibiades em “O banquete” de Platão.	Relaciona o amor de transferência ao desejo do analista, em que o analisando endereça um saber à figura do analista, supondo que este saiba algo de seu inconsciente, semelhante à postura de Alcibiades com Sócrates, em que Sócrates assume/ é colocado em semblante de objeto a (causa de desejo), semelhante ao analista em sua prática clínica.
7. Do amor de transferência à escrita de uma carta de amor.	VENTURA, I. F. (2015).	Investigar a transposição do muro da linguagem (saber, verdade e gozo), ao final da análise, e a iminente chegada de um desejo totalmente inédito, que é o desejo do analista.	Sobre o desejo do Outro, apenas é possível supor, e rastreá-lo nas marcas significantes. Inclusive isso permite a transferência com o analista, que ocupa o lugar de sujeito-suposto-saber. É impossível dizer toda a verdade, uma vez que ela só pode ser meio-dita. A isso se serve o discurso psicanalítico, a falta é constitutiva do desejo.
8. Mishima: entre o amor e o desejo.	MARTINHO, M. H. (2014).	Observar na obra de Yukio Mishima, algumas articulações do amor e do desejo encontrados também na estrutura clínica da perversão.	Ao analisar a posição adotada por Mishima em seu texto, fica notório como ele estabelece uma dinâmica de dois pólos, ao desejar o seu amigo Omi (homossexual) e amar Sonoko, que ele mesmo denomina: “a carne e o espírito”. A clivagem de Mishima o faz tentar fazer a mulher existir, segundo a autora, ao tentar elaborar uma mulher ideal (Sonoko) e o seu fetiche elaborado sob a forma dos pelos das axilas de Omi.
9. Sobre o amor, o desejo e os parceiros.	ASSIS, M. (2014).	Articular as formas de parceria no amor e no desejo, salientando as paixões, o amor de transferência e o “amor mais digno”, a partir de uma leitura psicanalítica freud-lacaniana.	A autora aborda a questão da inexistência da relação sexual, onde é impossível fazer o Um alcançar o Dois da relação. Nesse sentido, o amor, que surge como uma suplência à essa impossibilidade, possui um caráter narcísico, pois é sempre recíproco, uma vez que amor demanda o amor também (diferente do desejo). Além disso, é pelo amor que a análise opera (amor de transferência) e das possíveis relações que

			visa ao complemento de ser, como, no caso, o amor.
10. Se soubéssemos o que o avarento encerra no seu cofre, saberíamos muito sobre seu desejo.	SZAJDENFIS Z, B. M. (2014).	Demonstrar a partir de um relato de caso, os efeitos e as possibilidades dentro em uma análise de uma mulher histérica.	O desejo se articula ao gozo. Demandas dirigidas ao saber, nunca serão respondidas, pois existe uma impossibilidade de saber tudo. Nesse sentido, o psicanalista deve ouvir o que insiste em aparecer, em cada palavra e principalmente no que se repete, nos atos falhos, nos chistes, nos sonhos e principalmente no que está além dos sentidos (<i>ab-senso</i>).
11. O psicanalista e a errância de seu desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular.	SANTOS, L. A. R. (2014).	Expor reflexões sobre o desejo do analista em se tratando, sobretudo, dos tempos atuais.	O analista não deve ser bombardeado por amor, caso aconteça, pois isso pode atrapalhar a transferência. Em seu manejo precisa prestar atenção até onde os seus complexos vão. Ademais, analista é um ofício chamado por Freud de profissão (im)possível. Ressalta que existe um ganho secundário com o sintoma.

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Em relação aos artigos apresentados acima, nenhum deles possui uma seção específica para delimitação de metodologia, sendo importante destacar que esse não é um requisito de submissão apresentado nas normas da revista *Stylus*. Mesmo assim, foi possível perceber que a maior parte (n=7) se concentra em revisões narrativas, ensaios ou semelhantes, delimitando um tema de interesse e versando sobre ele a partir de leituras freudianas e lacanianas; enquanto a minoria se pautava em relatos de caso (n=2) e análises de uma obra literária (n=2).

Nessa perspectiva, para a elaboração das discussões, os artigos foram agrupados em duas categorias conforme o seus objetivos e resultados principais, listadas a seguir: 1) Psicanálise, uma cura pelo amor; e 2) Outros possíveis enlaces. Ainda nesse sentido, a escolha por dividir em dois eixos temáticos se deu porque, embora todos falassem sobre amor e a sua relação com o desejo, alguns destacavam mais os aspectos da clínica e da direção do tratamento (amor de transferência e desejo do analista); enquanto outros davam mais destaque a aspectos teóricos e também analisando essa questão na arte (tomando como recorte a literatura).

4.1 Psicanálise, uma cura pelo amor

Os artigos selecionados para essa categoria de análise tangenciam dois temas importantes em Psicanálise, sobretudo na prática clínica, sendo: 1) amor de transferência; e 2) desejo do analista. O primeiro deles foi descoberto por Freud e Breuer durante os estudos com as mulheres histéricas. Ademais, essa perspectiva é aproveitada por Lacan em toda a sua obra, sobretudo o segundo tópico, sendo desenvolvido em diversos seminários por esse autor (PEDROSA, 2022; PACHECO FILHO, 2022; ARAUJO, 2022; BALLAO, 2022; VENTURA, 2015; SZAJDENFISZ, 2014; SANTOS, 2014).

A *priori*, é válido salientar que a psicanálise nasce com um método destacado pela indução do paciente ao enfraquecimento de suas barreiras psíquicas (a hipnose), que já era praticado por Freud e Breuer 10 anos antes do “pai da psicanálise” fazer um intercâmbio para Paris e se encontrar com Charcot, “o rei das histéricas” (FREUD, 1910/2016). Mas como aconteceu a transição de hipnose para o modelo atual? Emmy Von N., uma jovem paciente, sugeriu que não a conduzisse, apenas a deixasse falar e a escutasse. A isso, ela deu o nome de “*Talking cure*” – cura pela fala - que posteriormente ganhará o nome de associação livre, método e regra em utilização pela psicanálise até hoje.

Sob esse viés, é na associação livre que melhor se apresentam as formações do inconsciente, como atos falhos, chistes, relatos oníricos, o sintoma e outros. Dessa forma, no estudo de Ventura (2015) a autora destaca que somente na transferência o sujeito pode se haver com as questões de seu próprio desejo, que é sempre outra coisa para além da que aponta. Assim, para ir em direção ao *ab-senso*, na análise a demanda ao saber é estabelecida e

se situa na transferência. Dito isso, quando direcionado ao analista, a transferência é guiada pelo sujeito por causa do seu sintoma, como uma lacuna, que visa ser “preenchida” em suposição por aquele que é eleito na função de sujeito-suposto-saber. No processo de análise, a transferência é função do analisando e a função do analista é o manejo da transferência.

Desse modo, além de utilizar a técnica de associação livre, é necessário que o analista escute a maneira que o sujeito se coloca em função da transferência, haja vista que cada estrutura clínica apresenta uma maneira de lidar, sendo a estrutura um modo de estar em linguagem com o Outro, em resposta ao seu modo de operar erguido em sua passagem pelo complexo de Édipo.

Nessa perspectiva, deve-se partir da experiência de amor para situar a transferência, mesmo que também se esconda a resistência por trás desse amor, como fez Freud com a paciente Anna O., após ela dar os primeiros indícios desse afeto por Breuer. No entanto, analista e analisando não fazem Um par, como amante e amado, muito pelo contrário. Conforme aponta Szajdenfisz (2014), na análise o Um dialóga sozinho e o que recebe de volta é a sua própria mensagem de forma invertida e refletida a partir de questionamentos ou pontuações, como a autora exemplifica esses feitos em seu relato de caso com Verônica, uma pedagoga com sintomas histéricos, que se queixa do pai biológico e um pai (padrasto) que a adotou de forma “parcial”, e isso a levava em uma duplicidade em quase todos os aspectos de sua vida: “dois empregos, duas casas, duas mães, dois pais” (*Idem*, 2014, p. 139).

Igualmente, é possível observar esses rearranjos com o relato de caso de Araujo (2022) na atenção para mulheres vítimas de violência doméstica. Para efetivação de sua função, a psicanalista percebeu que não era possível observar as nuances do sujeito com o modelo universalista em cuidado socioassistencial. Uma vez que existe há ali um sujeito “que deseja, que demanda, que goza” (*Idem*, 2022, p. 74) com o seu sintoma. Além disso, em seu relato, ela percebeu que girava em torno do amor, as mulheres eram tomadas como objeto de fantasia do homem e quando não respondiam mais nessa posição, eram vítimas da agressividade masculina.

Aliado ao amor de transferência se encontra o desejo do analista, sendo esse outro aspecto que mais apareceu durante a construção deste trabalho. A respeito do desejo do analista, Ballao (2015) aponta que esse termo foi cunhado pela primeira vez por Lacan em seu seminário “A direção do tratamento” (1966/1988). Nele, esse desejo é enigmático, possui uma marca distinta do desejo do Outro, estando, assim, advertido, não há significante que diga o que ele é, apenas que o circunda, pois é produto de uma destituição subjetiva, de uma análise que chega ao seu final.

Outro aspecto foi levantado por Pacheco Filho (2022) sobre a articulação do desejo do analista ao amor de transferência. O autor destaca que a formação do analista se dá através de uma formação *sui generis*, sendo alicerçada em um tripé que envolve o estudo teórico, a prática clínica e a análise pessoal. Para além disso, se situa o desejo do analista como algo inédito e enigmático, e que é resultado de um produto final no percurso de análise, por isso não pode ser “construído” em uma sala de aula formal. Este desejo se distingue do desejo do Outro, uma vez que não tem interesse em ocupar o lugar de âmago e obturar a falta do Outro, ao contrário: a provoca ainda mais, e instiga o próprio sujeito a se haver com a sua demanda e desejo.

Atrelada a questão levantada, no estudo “O psicanalista e a errância de seu desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular” (SANTOS, 2014) é observado que o analista deve driblar os explosivos exageros de amor para que não fique apenas tomado como um objeto de gozo, assim o analista precisa instigar o sujeito em análise e isso pode, inclusive, despertar ódio. Por isso, o seu ofício carrega o desejo e a necessidade de “reinventar” a teoria para cada paciente, não se engessando na sua atuação. Essa reinvenção

está também na curiosidade em saber. O analista deve conduzir o tratamento, não o sujeito, em direção da análise.

No tocante a Pedrosa (2022), é trazida uma questão relacionada à práxis em Psicanálise, essa teoria se orienta pela ética do desejo, que circunda um não-saber, o que sugere o analista não ocupar o discurso do mestre, mas que instigue a dimensão do próprio sujeito construir a sua meia-verdade através da ampliação do campo simbólico. Segundo esse autor, a “cura” não está alinhada com a eliminação do sofrimento, porque isso é impossível, mas está próxima dessa produção de verdade que aponta o desejo do sujeito em relação ao seu sintoma, para advir o desejo como causa. Fazendo o próprio sujeito ir atrás daquele singular de sua vida.

Nesse sentido, os psicanalistas tomam como pressuposto que, na direção do tratamento, uma análise só acontece se esta estiver com uma transferência estabelecida, entre o analisando e o analista. Para tal, o estabelecimento da transferência é norteado pelo amor: amor ao saber. Esse amor se dirige à figura do analista que é colocado na função de suposto saber, sendo esse também a marca característica de seu semblante.

4.2 Outros possíveis enlaces

Para elaboração do segundo eixo temático, este segue um fluxo de intersecções entre os demais autores que, a partir de suas contribuições teóricas, alinharam a questão do amor e do desejo na literatura (arte) ou o trazendo de forma bibliográfica. Nessa perspectiva, tomaram essa questão considerando o amor e o desejo como maneiras diferentes (mas não excludentes) de olhar para o objeto. Enquanto o amor tenta obturar a falta, a partir do simbólico e do imaginário, o desejo possui em sua estrutura um rechaço, que o faz permanecer sempre insatisfeito e assim continuar a deslizar de forma metonímica nas cadeias significantes (CAIADO, 2022; CARVALHO, 2022; ASSIS, 2014; MARTINHO, 2014).

A começar por Carvalho (2022) esta autora traz que Lacan, no seminário *Encore* (1972-1973/1985), discorre sobre a dificuldade em falar sobre o amor, e que seria mais palpável abordá-lo em cartas de amor, na própria análise ou até mesmo em obras de arte. Sendo a arte uma dessas formas, “O amor e suas veredas”, seu artigo aqui analisado, traz a noção de amor trabalhada em Freud, sobre o caráter narcísico do amor, uma vez que ele sempre é recíproco, aliando isso a personagens do romance “Grande sertão Veredas” de Guimarães Rosa.

Além disso, Carvalho (2022) discorre sobre não existir uma equivalência entre o gozo feminino e o gozo masculino, e justamente nessa impossibilidade que surgem as paixões. Dessa hiância irreduzível, é situada a inexistência da relação sexual - termo lacaniano - mas não significa que não seja possível fazer sexo, mas é impossível saber sobre o desejo do Outro, apenas supor e captar resquícios por suas demandas. Nesse sentido, surge o amor como suplência a essa impossibilidade apresentada. E a partir disso só resta amar e desejar na lógica do não-todo.

O pensamento anterior se alinha ao de Caiado (2022), haja vista que a autora traz consigo a noção das paixões do ser (amor, ódio e ignorância); é justamente aí onde se situaria o amor, como um dos possíveis endereçamentos ao ser do Outro para completar a si próprio. Desse modo, “[...] em relação ao amor, o sujeito se aliena a ele como uma resposta a essa falta, o amor como tapeação à falta” (*Idem*, 2022, p. 124). Com isso é dada notícias da dimensão imaginária do amor, que porta consigo a intenção de restaurar o que um dia o sujeito acreditou ter, o objeto de completude.

Nesse sentido, Assis (2014) também levanta em seu estudo a inexistência da relação sexual. Segundo ela, de Dois não se faz Um, além do mais o gozo (outro tema em psicanálise) é sempre solitário. Por isso o amor almeja a completude do ser, do seu próprio ser e o ser do Outro, mesmo que ele tome esse Outro sempre como um objeto. Mas no final das contas só

existem Dois sujeitos faltantes, pois o Um nunca alcança o Dois da relação, e justamente por isso os deslocamentos são possíveis, pois o sujeito é faltoso e isso o faz continuar a desejar e amar por toda a vida.

Por fim, cada um ama e deseja conforme aponta a sua própria fantasia. E essas relações estão intimamente implicadas na maneira em que o sujeito conseguiu solucionar a sua passagem edípica. Um desses exemplos é possível analisar no texto de Martinho (2014), utilizando-se da estrutura perversa, conforme a personagem literária de Mishima, um jovem rapaz que diviu - de forma não literal - a “carne e o espírito”, sendo o primeiro retrato de seu desejo carnal (desejo-sexo) e o segundo o amor (amor-pureza). Ao estabelecer essa divisão, dando notícias de sua clivagem, destinava o seu desejo sexual ao seu amigo de infância enquanto endereçava o seu amor a uma moça, não conseguindo unir os dois em uma única pessoa. Desse modo, o personagem principal idealizava a mulher, tentava fazer com que a mulher existisse a partir de um fetiche (pelos de axila masculina). Sua clivagem se estabeleceu como uma solução, fazendo o amor e o desejo coexistirem de forma separada, sem se misturar, para não trazer à tona a sua questão fundadora: a falta ou a diferença dos sexos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho foi possível perceber que o amor, assim como o desejo, são temas amplos e importantíssimos dentro da teoria e da clínica psicanalítica, sendo assim transversais e que não cessam de se inscrever. Outrossim, o amor aparecia como um aspecto não similar ao desejo, haja vista que enquanto o amor queria obturar a falta, o desejo queria estar sempre insatisfeito. No entanto, esse paradoxo não pode ser visto colocando os dois como figuras de completa antítese, mas sim como modos possíveis de endereçamento do sujeito em relação ao Outro, aos sucessivos (O)utros objetos que são (*a*) causa de desejo. Assim, amor e desejo coexistem, cada um com a sua particularidade, e podem ou não estarem simultaneamente implicados com o mesmo objeto, ademais ambos surgem a partir da falta resultada da incompletude e da inexistência da relação sexual.

Ainda se tratando dos resultados obtidos, ficou evidente como a Revista *Stylus* possui uma boa qualidade em seus materiais e também os escritores e psicanalistas aliados a esse espaço; transmitindo a sua importância no cenário psicanalítico brasileiro e internacional, com publicações que causam implicações na teoria e na prática clínica em psicanálise. Além disso, os artigos analisados possuíam um interessante modo de apresentar os assuntos propostos, mesmo sem uma seção específica para a descrição de sua metodologia.

Ademais, foi observado que os artigos versavam mais sobre a prática clínica, envolvendo o amor de transferência e o desejo do analista, incluindo também aspectos teóricos e literários nos manuscritos analisados. Também, os autores não apresentavam discordâncias entre si, talvez isso se deva ao fato de que todos eles possuem a mesma base teórica: a psicanálise a partir dos autores Sigmund Freud e Jacques Lacan.

Conforme as informações supracitadas, o autor dessa Revisão Integrativa de Literatura reconhece e considera esse trabalho como um recorte específico sobre o tema, com o objetivo de entender as nuances do amor e do desejo em publicações de uma revista em psicanálise. Sendo assim, o referido trabalho de conclusão de curso nunca teve a intenção de capturar toda a verdade, uma vez que ela só pode ser meio-dita; assim, foi possível concluir a meta proposta: obter um modo de observar e discutir sobre um assunto que tanto atravessa o sujeito durante a vida. Por fim, através desse trabalho, é esperado contribuir com a pesquisa e com a teoria psicanalítica dentro dessa temática - que não cessa de se inscrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. B.; ALMEIDA, M. T. F. Da perda do objeto: o encontro sobre o abismo. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 102-107, jan./abr. 2017.
- ARAUJO, C. M. V. Qual o preço do amparo? Da alienação violenta no amor à mortificação da não-escuta. **Revista de Psicanálise Stylus**, vol. 1, n. 43, p. 69-75, mar. 2022.
- ASSIS, M. Sobre o amor, o desejo e os parceiros. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 28, p. 91-96, jun. 2014.
- BALLAO, C. Notas sobre o desejo do psicanalista. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 43, p. 35-49. mar. 2022.
- BREVIGLIERI, H. O fundamento da psicanálise: concepções acerca do inconsciente. **PAIDEIA**, Curitiba, n. 11, ago./set. 2018.
- BRITO, J. D. S. **A psicanálise e o poder de sua representação: uma psicossociologia crítica do conhecimento psicanalítico**. 2022. Tese (doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.
- BRUDER, M. C. R.; BRAUER, J. K. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 3, p. 513-521. set./dez. 2007.
- CAIADO, J. Querer ser já não é, e aquilo que resta é você. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 45, p. 121-126. dez. 2022.
- CARVALHO, M. C. D. O amor e suas veredas. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 45, p. 91-98. dez. 2022.
- FERREIRA, N. P. **A Teoria do Amor na psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- FREUD, S. (1900). **A Interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FREUD, S. (1915). **As pulsões e seus destinos**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- FREUD, S. (1910). Cinco lições de psicanálise. In: _____. **Obras completas Vol. 9**, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 166-216.
- FREUD, S. (1914). Narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras completas Vol. 12**, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 10-37.
- FREUD, S. (1910). Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. In: _____. **Amor, sexualidade e feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 121-132.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras completas Vol. 6**, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 20-142.
- KUSS, A. S. S. Amor e desejo: um estudo psicanalítico. 2014. Dissertação (mestrado em psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140>>. Acesso em: 05 de ago. 2024.
- LACAN, J. (1966) A direção do tratamento. In: _____. **Escritos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.
- LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário 20: mais, ainda**. Trad. MD Magno. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, J. (1973) Televisão. In: _____. **Outros escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 508-543.

MARTINHO, M. H. Mishima: entre o amor e o desejo. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 28, p. 33-39, jun. 2014.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MILLER, J. A. Do amor à morte. **Opção Lacaniana** (on-line), ano 1, n.2, p. 1-16, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero2/texto5.html>>. Acesso em: 10 out. 2024.

MURTA, C. O amor entre filosofia e psicanálise. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 18, p. 57-70, jan./jun. 2006.

NASCIMENTO, M. B. Alienação, separação e travessia da fantasia. **Opção Lacaniana** (on-line), ano 1, n.1, p. 1-15, mar. 2010. Disponível em: <http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%E7%E3o_separa%E7%E3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2024.

PACHECO FILHO, R A. A uberização do psicanalista e os perigos para a Psicanálise e a Escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 45, p. 37-47, dez. 2022.

PEDROSA, J. Dimensão ética e estética do desejo do analista: aproximações entre a cura em psicanálise e a criação na arte a partir da tragédia de Antígona. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 45, p. 109-120, dez. 2022.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, L. A. R. O psicanalista e a errância de seu desejo: um olhar sobre as vicissitudes de um ofício tão particular. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 29, p. 113-123, nov. 2014.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SZAJDENFISZ, B. M. Se soubéssemos o que o avarento encerra no seu cofre, saberíamos muito sobre seu desejo. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 29, p. 137-142, nov. 2014.

TRIBALISTAS. Aliança. In: _____. faixa 4. Rio de Janeiro: **Universal Music**, 2017.

VENTURA, I. Do amor de transferência à escrita de uma carta de amor. **Revista de Psicanálise Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 31, p. 53-62, out. 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em suas infinitas formas de manifestação, por ter me dado forças e muita coragem para continuar a caminhada e não desistir, apesar dos pesares encontrados em cada período da graduação, indo desde questões financeiras até mesmo relativas à morte e ao luto.

Ao amigo e orientador José Andrade Costa Filho agradeço pelas leituras sugeridas ao longo do bacharelado em Psicologia e também no projeto de extensão “Orientação sexual para pais de pessoas com deficiência”, desenvolvido por mais de dois anos na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Campina Grande. Além disso, agradeço por sua dedicação, me possibilitando muitas conquistas acadêmicas ao longo do percurso.

A Jailma Belarmino Souto por ter me acolhido como aluno extensionista e estagiário no Núcleo de Estudos em Psicanálise na Saúde, Educação e Artes. Expresso neste parágrafo a imensidão da minha felicidade, para sempre irei me lembrar dos ensinamentos transmitidos na teoria psicanalítica.

A Natanael de Sousa Balbino (*In memoriam*), meu querido irmão, agradeço muitíssimo, você foi a pessoa que me possibilitou aprender o que é ser um ser humano mais gentil e amável. Natan, sinto a sua falta todo dia, mas imagino que você esteja em um bom lugar, talvez no paraíso com Deus cuidando de você, e isso me tranquiliza.

Aos meus irmãos Lucas Balbino de Souza e Nathália Victória de Sousa Silva, expressei meu amor pela convivência e o bom companheirismo. Incluo nessa lista Larly Santos e Naftali Oliveira, meus melhores amigos e irmãos de coração, por estarem comigo e me aturarem desde a adolescência (risos). Agradeço também ao meu porto seguro, Felipito.

À Silvana de Sousa, minha mãe, por ter me concebido, acolhido, amado e pelos cuidados ao longo da vida, e nunca ter me abandonado. Obrigado por ter me ajudado quando eu caí, me proporcionando um caminhar esperançoso.

A José Gilmar Balbino da Silva por ter me concedido vida.

A Dorgival Silva, meu padrasto, por ter cuidado da nossa família.

A Edjane, Gilmara, Kátia e Girlene, em nome de todas as minhas tias da família Balbino, por terem me ajudado desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, dando material escolar com muito amor e carinho para mim, meu irmão e meus primos, hoje colho os frutos do tempo passado.

Aos funcionários da Clínica Escola de Psicologia, nas pessoas de Inalda, Sílvia e Patrícia, carinhosamente apelidadas de “Tia”. Sentirei muita saudade das conversas e conselhos, dos lanches e das inúmeras tapiocas na copa, o meu lugar de refúgio. Além disso, agradeço a Thalita Trajano, minha analista, você me salvou.

Aos amigos que fiz no ônibus escolar, agradeço a Bruna, Mikaely e Kauã pelas risadas e companhia nessa trajetória (160km por dia), obrigado por me ajudarem a dividir esse fardo na caminhada. Agradeço também aos motoristas pelo serviço prestado, uma vez que uma política pública não se faz sozinho, mas no coletivo.

Agradeço a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, nas figuras de Romilda e Rosilene, por terem me possibilitado aprendizados pelo resto da vida e também proporcionado ao meu irmão Natan um tratamento e a dignidade de uma vida com mais inclusão e acessibilidade.

A Matias, além de conterrâneo, é um querido amigo vindo do Instituto dos Cegos, agradeço por acreditar no meu potencial. E também ao professor John por confiar no meu compromisso em estagiar na referida Instituição.

Aos idealizadores da Política de Cotas por ter feito mais um estudante de escola pública se graduar em uma Instituição de Ensino Superior, com educação de qualidade.

Por fim, agradeço ao tempo. Eu quero isso, o mistério: o que está depois do depois?